

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bahia é pouco mencionada quando se trata da pintura de paisagem. Poucos foram os historiadores sensíveis à causa. Nesse sentido o arquivo histórico da EBA UFBA tem muito a contribuir.

Mendonça Filho, um dos nomes mais importantes da arte baiana tem sua produção ligada a um momento em que a pintura de paisagem se destacou, revelando um importante grupo de artistas ligados à Escola de Belas Artes que durante as quatro primeiras décadas do século passado pesquisaram a nossa luz e a nossa geografia.

Até o final do Século XIX, a pintura de marinha na Bahia, com algumas exceções, foi explorada quase que exclusivamente por pintores estrangeiros, com a intenção principal de registrar as características de nossa geografia, não havendo a preocupação em desenvolver uma pintura de paisagem com intenções poéticas, como àquela dos impressionistas, por exemplo. Mesmo com a fundação da Academia de Belas Artes da Bahia, em 1877, o tema paisagem foi pouco explorado.

O Rio de Janeiro já possuía um sólido grupo de pintores que assumiram os estudos da paisagem em *plein-air*, com isso, importantes nomes da pintura passaram a explorar o tema, a exemplo de Antônio Parreiras (1860 - 1937), Castagneto (1851-1900), Hipólito Caron (1862-1892), Garcia Vasques (?-1912) entre outros.

Na Bahia, a pintura de paisagem ganha ênfase com o retorno de Presciliano Silva, possibilitando que a paisagem e sua vertente, a pintura marinha, fossem exploradas através de técnicas impressionistas. A influência impressionista trazida por Presciliano Silva possibilitou que os alunos da escola enveredassem por temas diferentes daqueles implantados por Cañizares na fundação da Academia de Belas Artes.

Já Mendonça Filho foi influenciado pela escola Napolitana, com seus efeitos de luz e por passar tanto tempo na Itália pôde entrar em contato com muitos artistas e diferentes escolas.

Na segunda década do século XX, a discussão sobre o patrimônio cultural brasileiro, chegara à Bahia que passava no período uma expansão urbana desenfreada que destruiu vários monumentos.

A criação da ALA (1936) e de seus salões (1937) possibilitou ao público baiano um momento ímpar, com ampla diversidade, revelando importantes nomes na pintura, escultura e arquitetura, trazendo para a pacata Salvador um brilho e orgulho a muito apagado. Carlos Chiacchio e os integrantes do ALA transformaram o cenário cultural baiano, abrindo espaço para discussão entre o acadêmico (tradicional) e o moderno. Os salões eram amplamente discutidos em jornais de grande circulação. Políticos e figuras ilustres participaram de todas as edições, o que possibilitou a criação dos Salões Baianos de Belas Artes em 1949.

Nos Salões de ALA o público baiano passou a ver com maior frequência nossas paisagens e monumentos retratados em pintura, e como em Salvador a arquitetura colonial privilegiou o litoral, encontramos, também, muitas obras representando esses monumentos à beira mar.

As pinturas desses locais foram realizadas a partir de excursões planejadas dentro da Escola de Belas Artes que percorriam as praias de Salvador e da Ilha de Itaparica, assim como nas cidades históricas como Cachoeira, dando início a um grupo formado por professores e alunos que iriam dominar a cena artística até meados da década de 1940, quando então, o primeiro grupo de artistas modernistas passou a transformar a cena artística baiana.

Não podemos menosprezar a participação de Robespierre de Farias na influencia aos artistas baianos, pois, assim como Presciliano, esse artista também havia estudado na Europa e ensinado na EBA, servindo de referência para os alunos egressos, contudo, a falta de material sobre esse artista inviabiliza um maior estudo sobre sua participação, sendo necessário, portanto, que alguém dê continuidade à pesquisa e indique o verdadeiro papel desse artista para as artes baianas.

Este impressionismo contido, trazido por esses artistas, também pode ser percebido nas obras de Mendonça antes de sua viagem a Europa. Sua estada no velho mundo não se restringiu somente a Itália e França, mais a influência do impressionismo francês e do luminismo italiano contribuiu de forma definitiva para que Mendonça adotasse a pesquisa da luz em seus trabalhos. A influência de Joaquin Sorolla, que os contemporâneos ao artista indicavam, se apresenta na luz e na temática adotada, assim como na gestualidade da pincelada solta, no empastamento e nos recortes da cena representados.

Sua produção na Europa foi surpreendente, apresentando sua multiplicidade pictórica. Seus retratos impressionou o velho mundo, levando-o a conquistar vários prêmios e medalhas. A influência Napolitana se fez presente nos céus carregados de tons violáceos como nas telas “Paisagem italiana” e “marinha de Nápoles” pertencentes a FMCCP.

Sua viagem ao sul da Bahia em 1931 pode estar ligada a outras questões, diferentes daquelas indicadas por Calderon, embora nesse período aconteça uma transformação em sua pintura, principalmente nas cores, retornando com uma paleta exuberante que o acompanhou até o final da vida. A partir daí os seus temas vão representar assuntos e cores da nossa terra: marisqueiras, calafates a trabalhar, estaleiros, lavadeiras, praias desertas e afazeres dos pescadores da Ilha de Itaparica e de outras localidades.

Sua pintura captava a luz momentânea, valorizando mais a cor do que com a linha. Trabalhava de forma rápida em planos de pequenas dimensões, quase um pochade¹ para facilitar a locomoção. Em alguns momentos, o artista utilizava cores puras lado a lado, funcionando opticamente para conseguir alguns efeitos. Suas telas, além de satisfazer aos seus impulsos criativos, nos deixaram verdadeiros registros históricos como na sucessão de telas sobre a enseada de água de meninos, registrando as transformações pelas quais essa região da cidade passou entre 1930 e 1950.

¹ Segundo Marcondes (1998), tratam-se de estudos de pequenas dimensões.

Ao assumir o cargo de Diretor da Escola de Belas Artes, sua produção cai consideravelmente. É inegável que um homem com sua seriedade não deixariam que suas questões pessoais atrapalhassem o andamento de algo maior, a administração da sua escola querida. Isto a EBA deve a esse artista, pois foi sob seu incansável olhar e comando que a escola recebeu notoriedade, principalmente junto a Universidade da Bahia. A Escola conseguiu a doação do Solar Abbott, através da sempre aplaudida contribuição do Governador Otávio Mangabeira; a abertura para novas possibilidades artísticas, bem como, para a modificação do ensino do desenho; as melhorias da estrutura física da Escola e o reconhecimento do curso de Arquitetura.

As transformações pedagógicas ocorridas durante as décadas de 1950 e 1960 trouxeram importantes mudanças para o cenário artístico baiano, quebrando barreiras, experimentando novas abordagens artísticas e metodológicas, refletindo em toda produção da segunda metade do século XX.

Os artistas iniciantes que conviveram com toda aquela agitação cultural proporcionada pela inteligência e visão de Mendonça Filho, se beneficiaram e muito de todas as discussões. Nessa revolução pedagógica, a escola passou a ser catalisadora de tudo que acontecia na Bahia.

Mendonça se dedicou de corpo e alma a EBA e isso fica evidente quando presenciamos outro grande professor e artista, Juarez Paraíso traçando comentários sobre os seus feitos. “Nunca saberemos aonde ele poderia ter chegado com sua pintura!”

Quando deixa a diretoria da EBA, em 1961, o artista já estava doente e cansado. O tratamento foi penoso e estressante para a família. Depois de operado sua recuperação exigiu muitos cuidados. Mesmo diante de tantos problemas, o artista ainda encontrou forças para pintar. É desse período que surgiram as telas sobre as montanhas de Milagres, desenvolvidas em Itabuna, onde o artista estava tentando se restabelecer.

Em 06.11.1964 Mendonça faleceu, no mesmo dia que Anita Malfati². Seu sepultamento ocorreu no cemitério do Campo Santo às 16 hs, com a presença de amigos e admiradores, além do corpo docente e alunos da Escola de Belas Artes.

Parafrazeando um jornal da época compreendemos que a morte de Mendonça Filho abriu uma perda irreparável para a pintura nacional e a Universidade Federal da Bahia viu desaparecer um dos seus mais vigorosos mestres.

Entre 1907, momento da chegada de Presciliano Silva e o final da década de 1950, apesar da diversidade de temas, a pintura de marinha estava presente, sendo Mendonça Filho seu expoente maior.

Como vimos Mendonça Filho dedicou boa parte de sua vida ao desenvolvimento da pintura de marinha, valorizando nosso patrimônio e influenciando novas gerações, contudo, ao verificarmos a produção historiográfica posterior a década de 1960, percebemos uma valorização de alguns artistas que durante um período de suas vidas, representaram a Bahia. É o caso do modernista Pancetti que adotou as “marinhas” em território baiano. E embora compreendamos a importância desse artista para a arte brasileira, não concordamos com a afirmação de alguns autores em elegê-lo “representante das marinhas baianas”.

Acreditamos que essa promoção do “moderno” cabia ao momento em que passou a arte baiana entre finais dos anos de 1940 e início de 1960, dentro de um pensamento em prol da renovação artística, contudo, após as informações apresentadas no decorrer desse trabalho, ficou claro que se há um pintor que evidentemente contribuiu com a propagação da pintura de marinha em território baiano, esse foi Manoel Ignácio de Mendonça Filho.

² Estado da Bahia (06.11.1964, p.03).